



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

DIRECTOR E EDITOR:

Padre Américo

Recepção, Administração e Propriedade:  
Casa do Gaiato de Porto—Paga em duas

Vales do Correio para Cete

Composição e Impressão—Tip. da Casa  
Nun' Alvares R. Santa Catarina, 62B—Pôr. e

Preço 1000

## Carta aberta à cidade de Lisboa

**S**IM senhor. À cidade. A todos quantos sabem ler e escrever e pensar. E' a notícia das notícias: A Casa do Gaiato de Lisboa no concelho de Loures. Quantos não hão-de delirar, ao tomarem conhecimento —quantos!

Apareceu aqui ontem uma rapariga de Lisboa com duas crianças pela mão. Dois irmãos abandonados. Ela é do Lar Universitário. Teve a audácia de se meter a caminho, sem saber se as crianças ficariam. Duas noites perdidas. Exames à porta!

—Tudo acode à capital e você vem aqui ter?!

—Sim. Na capital não há uma Casa do Gaiato.

E relatou de como 51 raparigas do Lar, ao verem estes dois amores abandonados, levantaram-se numa única voz, cotizaram-se e disseram: só fulano! Eu. Os dois amores ficaram.

Quantos não hão-de delirar!

Quando fui vê a Casa que há-de ser do Gaiato, logo ali me ficaram as meninas dos olhos. Ela tem em redor uma quinta. Uma grande quinta! Depois disso, já tive ocasião de ouvir que o chão de Loures produz muito de tudo. Outra alegria. Não há nada mais salutar do que o amanhã da terra, para estes formosos ignorados que nunca viram uma flôr, nem uma espiga, nem um passarinho. Educam-se. Transformam-se. Sou testemunha. A natureza quer a natureza.

A nossa quinta! O nosso gado! Eles hão-de semear, colher e colocar no mercado o que não nos fôr preciso, de sua indústria e por suas próprias mãos. Lisboa há-de vê na praça o Gaiato a vender os nossos produtos. Há-de vê como eles são bonitos, bem falantes, generosos, capazes de um sacrifício por amor do seu freguês. Sim. Lisboa há-de vê. Não se diga que temos aqui a Mofina Mendes mal-lo seu cântaro de leite... Não temos. As contas já estão feitas. As provas, tiradas.

Não sei se com os mais passageiros acontece o mesmo. A mim, dá-me vontade de chorar, sempre que vou a Lisboa e dou com a chusma dos desgredados, a implorar o carrêto de malas e embrulhos: Deixe-me levar! Da derradeira vez que ali estive, deixei que um deles tomasse a pasta e fomos os dois até ao hotel. Levava eu na mão um pequenino embrulho e êle, o esfarrapado, não se fartava de me pedir, enquanto caminhávamos: Deixe cá vê senhor doutor. Quanta generosidade escondida naquêles trapos! O sujo, o esfaimado, procura servir. Servir totalmente: deixe cá ver. Tantos dêles, postados nos lanços e degraus das escadas e em baixo, no atrio do Rocio. Puberes, que deviam ter leite e cuidados nossos, entregues a si àquela hora, naquele lugar, por tua conta e risco! Quem faz caso? Tantos senhores que desembarcam. Vêem-nos. Escutam-nos: Deixe-me levar a malinha! Quem se importa?

Tem graça que todos os leitores de jornais notam a confusão das gentes que vai por êsse mundo e eles também, os leitores, confusos, não sabem de onde é que chove. Não sabem. Eu sei...!

Mas voltando ao gaiato bonito e bem falante com quem brevemente tratarás na praça os produtos da nossa quinta, voltando a eles, digo, saiba cada um do seu valor real;—êle seria um daqueles farrapões, se não fôsse o que hoje é! Aqui o valor estupendo da Obra da Rua.

Ergue-se agora uma voz na nossa terra. Pretende-se levantar a miséria social, implantando nas almas o Decalogo e inculcando aos erguidos o santo temor de Deus, principio de toda a sabedoria. Constroem-se casas de raiz. Campos de jogos e piscinas. Escola. Oficinas. Trabalho. Valor. Tudo à vista. Tudo em prova. Neste capitulo, o que não fôr completo, não é verdadeiro. Ergue-se uma voz. Sim. Até aqui nada se oferece que mereça grande reparo. O reparo está mas é nisto que vou dizer. Escutem: Em uma pequena Assembleia de Comunistas qualificados, ouviu-se dizer assim—anda aí um homem que nos está fazendo muito mal. E logo deram as razões do mal: Ele ataca a miséria. Ele arrasta a nossa juventude pelo que faz e diz. Já se sabe que o tal homem sou eu!

Está tudo dito. Eles o disseram. Já se sabia, mas se alguém não, fica sabendo agora que o comunismo, pretendendo ser outra coisa, não é mais nada senão sómente uma força e uma doutrina anti-social. Quanto mais vida cristã nas almas e nas famílias e nos negócios, menos barulho comunista. O verdadeiro e único argumento contra aquela força, é a força do Evangelho. Ele há muitas obras sociais que vegetam à sombra do Evangelho, sim. Muito se diz e muito se escreve em nome do Evangelho, sim. Mas isso que presta? São palavras. Destas coisas não tem medo! O que eles temem é a acção. A vida. O Evangelho a marchar e a fazer sangue. Ele arrasta a nossa juventude.

Eu cá sou contra as sôpas e contra os bodos e contra todas as obras sociais ditas cristãs que

fomentam mas é, em vez de combater, a penúria dos nossos irmãos. Mas continuemos.

Os trabalhos da fundação da Casa do Gaiato, já começaram. A quinta tem um palacio, e é neste que nos vamos instalar provisoriamente, até nos ser possível construir pequenas e graciosas vivendas; a nossa aldeia. Já temos os pequenos fundadores à espera: o cozinheiro, o ajudante, o dispenseiro, os refeiteiros, os do campo. Em Outubro, devem-se apresentar, médico, professores, senhoras, um sacerdote, — eis. Que Lisboa não venha sobre nós entregar meninos! Nós, é que vamos por eles. Os nossos rapazes é que vão buscar rapazes. Que não venha o bacharel com seus documentos procurar nicho. Nós cá fazemos tudo por nossas mãos. E já temos um bacharel na obra. Um chega.

A primeira fase das obras, foi dada por cem contos aos Construtores Pereira Caldeira L.da, de Lisboa. No dia 10 do próximo Agosto, temos de lhe entregar aquela soma. O Ministro das Obras Publicas, despachou metade, sumariamente, fundado no que conhece e no que sente pela nossa obra. Muito bem. Temos cinquenta contos.

Agora falta a participação de Lisboa. Dos senhores e das senhoras de Lisboa. Este é mesmo o verdadeiro assunto da carta aberta. Eu não conheço ninguém em Lisboa. Nem gente nem ruas. Sei o caminho do Rocio prá Arcada e vice versa e conheço os contínuos dos corredores. Mais nada. Mais ninguém. Por isso deixo ir a carta assim. Aberta, para que todos leiam conheçam e se expliquem. Vamos a vêr.

## DE COMO FOI O NOSSO S. PEDRO

Antes de dizer o que foi a tradicional festa de S. Pedro, vamos ao que foi a ceifa do centeio. Nós andamos sempre em festa. De tudo fazemos festa, principalmente do trabalho. Dos trabalhos agrícolas então é que é! Este ano tivemos mais searas do que nos anteriores. Fizemos assim, não tanto por causa do centeio, como para termos palha com fartura, para refrescar colchões. Mudar, lavar, encher. Oh noites bem dormidas! Dantes era nos portais!

Mais searas. Mais centeio. Mais rapazes. Mais foguetes. Mais infusas. Mais alegria. Tudo mais!

O Jacinto, encontrarme descuidado e prendeu-me com uma corda de palha, graça tradicional que significa — mais uma infusa. Rio Tinto foi à nossa ad eãpor

mais uma pinga. Oxalá êstes costumes não sejam nunca alterados. Gosto da tradição.

Os festejos de S. Pedro, tiveram noitada. Foi bichas e pistolas e diabos e mais coisas. Man-

dou se o Avelino ó Porto, Largo dos Loios, com duas notas de cem. A factura subiu a 309\$30, —mas os duzentos pagaram tudo. Nem parecem contas do Porto! Veio uma festada com

dois cantadores das redondezas. Houve fogueiras e balões e fogo do ar.

Mandaram-se os Batatas prá cama antes do início, mas êles não obedeceram. Alguns, saltaram pela janela!

O Xanxaxé não teve bichas. Ele e outros da mesma categoria e tamanho. Veio aonde eu estava muito triste e muito esmagado: Uma bichinha! O diminutivo a encarecer; a mostrar a ferida: uma bichinha. Tinha eu na algibeira duas pistolas e dei-lhas. Ele antes queria bichas!

A' meia noite, chegou a hora de recolher. Dia seguinte, Zé Pereira, foguetes a estoirar, canas disputadas;—tudo a espumar de contente.

Vamos a vêr como será pró ano.



Na variedade é que está a beleza. Nem olham pró mesmo sitio, nem vestem da mesma sorte, nem são do mesmo tamanho. Reparem bem no pé do Arlindo, aonde aparece uma creadela embrulhada num farrapo!

# DE COMO SE TENTOU DEPENAR OS

## SENHORES DO RIBATEJO

Andei por lá uma semana. Antes da minha partida, agoirava-se cá em casa. Todos diziam que sim. A malta apinha-se em redór do Morris num clamor unico: «aqueça bem aquela gente». Um dos professores, dá tudo como certo: «Vá. São terras de fundos. Há-de trazer mundos. Quarenta ou cinquenta são certos». Contos, já se vê. O Senhor professor queria dizer quarenta ou cinquenta contos. Eu cá puz-lhe as minhas duvidas, por uns zuns-zuns, que tinha dos Ribatejanos, mas, como a gente facilmente acredita naquilo que deseja, deixei-me embalar e acordei em Santarem. Os meus trabalhos começaram naquela cidade. Era uma terça feira. Na quarta, foi em Alcanêna. Na quinta, estive em Abrantes. Sexta, foi a vez de Torres Novas. Tomar fechou no sábado. Foi a semana do tira-teimas.

Tirante Alcanêna, casas ou recintos aonde eu falava, regorgitavam. Os interessados trabalharam todos para êsse fim e todos foram muito bem sucedidos. Muita gente, só em Alcanêna não. Tratava-se de um padre e está tudo dito. Obra de um padre. Compreende-se. Eu, pelo menos, compreendo e não estranho. A doutrina que ali queimou a matriz há uns tempos, não vem daquele tempo. Vem de mais longe e tem raízes mais fundas. A'quela força, só outra força. A'quela convicção, só outra convicção. Força pacífica. Convicção pacífica, bem entendido. Pois isso mesmo vi eu em Alcanêna na «Malta Brava». Quem é a Malta Brava? Um grupo de rapazes da terra, pároco à frente, por amor dos quais a face das coisas há-de mudar. Já está mudando. Ninguém duvide. Deus existe. Terrível verdade! Eles são o fermento, empenhados no bom combate, a dar testemunho daquela verdade eterna à população de uma das mais formosas e lavadas terras que me tem sido dado contemplar: Alcanêna. Por amor daqueles simpáticos herois—e porque Deus existe, quando eu ali voltar,—outras vistas, outro panorama, outro espírito. Deus existe.

Como tivesse sido livre a entrada em todas as cidades e vilas, aparecia nelas o farrapão da rua. Aparecia no seu lugar, cinema. E na sua hora, alta noite. Dali, ia para um outro seu lugar: os cafés, às pontas e ós tostões. Finalmente, quando aqueles fecham, lá vai êle, o farrapão, para o seu derradeiro e forçado lugar: portais e palheiros. Mais tarde, na hora do crime, está o código e basta...

Como eu tivesse levado a película da «Casa do Gaiato», eles vinham ter comigo. Eram chusmas. Vivos. Expontâneos. Reluzentes. Perigo social ou valor social, conforme a gente quiser. «Leve-me consigo»,

era o clamor geral Chamavam-me pelo meu nome de baptismo, encostadinhos, a puxarem-me prá frente, como fariam às Mães, —se as tivessem! «Ande. Leve-me, que eles estão tão gordos!» Alusão à fita. Os rapazes aparecem no refeitório. Havia tanta sinceridade e tanta aflicção nos dizeres daquelas creanças!

—Tu foges, disse eu a um dos mais impertinentes.

—Tape-me os olhos para eu não saber por que caminho vou!

E encostava a cara ao meu peito, para eu lhe vendar os olhos! Houvesse ele lume na Casa do Gaiato de Lisboa...

Assim, como por enquanto não, trouxe apenas dois comigo para a Casa do Gaiato do Porto, de entre as dezenas que me pediam.

Oh Ribatejanos! Opulencia. Numeros. Tudo do bom e do melhor. Pra que presta tudo isso?!

Eu tremo, quando em nossas casas, à hora do repartir, sem um protestar, a quem por engano, se não deu:—«Eu cá ainda não tive!»

Podia não tremer e fazer como os mais: Ora essa! Que queres tu? Não estás aqui por esmola, Que é dos teus direitos? Giral! O rapaz girava e pronto. Podia, sim. Mas não. «Eu cá ainda não tive» soltado pela creança que vê os outros a terem, é a voz da justiça. A creança tem direitos, sim senhor. E' necessário atendê-la. Eu tremo e vou buscar.

Pois muito bem. Pelo traje, pelo aspecto, pelo abandono, pelo não ter nada de nada em terras aonde parece haver tudo de tudo; por tudo isto, e mais porque o esfaimado quer que eu lhe tape os olhos para esquecer o caminho da sua terra natal, «eu cá ainda não tive», é o que ele o farrapão, quer dizer E tu que lhe dizes, ó senhor?

Eu sou aqui uma testemunha de acusação à opulência que não se importa e uma testemunha de defesa da Miséria Imerecida.

Vamos agora ós tais quarenta ou cinquenta contos:

Santarém, três contos e quê.

Alcanêna, menos de um conto, cabedais e azeite.

Abrantes, dois contos e uma pitada. Torres Novas, o mesmo menos uma pitada.

Tomar, quatro contos e quê.

Quando cheguei e contei, o Oscar levanta a voz: «Tomar ganhou.» Pois ganhou, sim senhor.

Visado pela Comissão de Censura do Porto

## MIRANTE DE COIMBRA

O mirante de hoje é feito não nas margens do Mondego mas do Tibre. Circunstâncias de força maior, obrigaram-me a visitar a Roma dos Papas. Um servo dos pobres não tem meios nem tempo a perder com passeios turísticos nem piedosas peregrinações.

Estou ao serviço da Obra. Daqui me dirijo aos que, como eu, a servem. Despedi-me dos farrapilhas de Alfama para os vir encontrar nas praias do mar Tirreno.

Civita Véchia é um monte de escombros: barcos afundados, aviões destruídos, igrejas demanteladas... Dos enormes campos de aviação, nem pedra sobre pedra. Aterradora a primeira impressão da Itália! Mais aterradora ainda, a chusma dos sem pai nem lei que acorreram ao desembarque. Meu Deus quando é que todos os filhos da Rua terão abrigo, pão e carinho?!

Nêste ponto, Roma vai muito à frente.

Ao terminar a guerra, a cidade foi invadida por uma legião de órfãos esfaimados. A fome foi sempre má conselheira. Os assaltos, roubos, assassinatos eram de tal envergadura que os ocupantes chegaram a resolver a liquidação total destas orbes de vadios.

Foi nesta altura que interveio a caridade cristã. As congregações religiosas receberam ordem de recolher todos os pobres orfãos. Só os Salesianos retiraram das ruas 3.500, em poucos dias. Roma está virtualmente limpa. Quando poderemos dizer o mesmo de Lisboa, Pôrto ou Coimbra?

A caridade particular sustenta tôdas as mimosas casas de beniféncia espalhadas pela cidade. Compreende-se a função da riqueza. O Pobre é um filho de Deus, um irmão que tem direitos como nós. Reparte-se por êle o próprio pão. Assim na Itália. Assim na Suíça, e em Portugal?

Só Deus pode julgar os homens. O que se tem dito daquêle a quem se atribuem as ruínas espalhadas por esta pobre Itália! Contudo basta a colonização interna realizada por êste homem para o immortalizar. Centenas de casais agrícolas surgiram de terrenos insalubres e pantanosos. Onde antes reinara a morte e a aridez, tive o prazer de contemplar numerosas famílias bem instaladas. No seu casal e, à volta dêle, pequeninas aldeias já delineadas. Extensos trigais aloirados esperam a hora de se transformarem no pão dos pobres. Há muito tempo que acalentamos a ideia de fazer outro tanto nos nossos estêreis baldios. As promessas estão feitas. Aguardemos a realização.

E que dizer da orgânica das obras de beniféncia. Gostaria de saber que faziam melhor do que nós fazemos em Portugal. Vi que rezavam e passeavam pela rua os meninos pobres. Procurei calos nas mãos de muitos, mas não encontrei. Será que sem trabalho se consiga aqui, o que, sem êle, é impossível nas nossas aldeias? Não o creio.

No quarto dia de Roma, estou farto de grandezas. Só encontrei Cristo pobre e mortificado na pessoa macilenta do Pontífice penitente e na figura repelente de algum mendigo. O resto tudo é ostentação e vaidade. Quem me dera já na nossa Aldeia entre o labor simples e despreocupado dos nossos rapazes e à beira dos pobres físicos do bairro das Latas. Adeus Roma, para nunca mais!

P. ADRIANO



**O** Pernas foi ontem visitar a mãe. Era domingo. Tomou o comboio das 13. Antes daquela hora não podia ser. Ele é já obrigação do gado. Dos bois e das vacas. As manhãs são para tratar do gado. Regressou à noite.

—A tua mãe?  
—Estava em casa.  
—A tua mãe tem casa?  
—É um barraco.

Que era um barraco sabia eu, mas como o Pernas falou em casa, quiz saber se ela teria mudado de situação. Não mudou. Mora no barraco. Tal é o amor que nós temos pela nossa casa, que dificilmente sofremos a dor de a não possuir. Seja o que for. Até um barraco. *Estava em casa.* De uma vez, em Coimbra, topei um velhinho muito trôpego e muito abandonado.

—Para onde vai?  
—Vou pra casa.  
—É muito longe?  
—Não senhor.

Fui ver a casa. Era uma mina seca! Vou pra casa.

**O** Botas é irmão do batata nova. Sempre que aquêlê acaba a sua obrigação e como êste a não tem, por pequenino, junta-se o irmão mais velho ao mais novo e assim faz o recreio. A sua hora de recreio. Os brinquêdos, as palavras, as carícias! As festas que mutuamente se fazem! Quantas vezes não choro eu de alegria ao vê-los. Se eles são de um mesmo ventre, como se não hão-de amar? E que é que lhes falta na nossa aldeia, para que se não amem? Muitas vezes somos levados a julgar que *esta classe de gente* não se ama. Julgamos mal. E' a miséria que os faz assim!

**E**STAVA eu hoje no meu escritório seriamente ocupado a escrever cartas para os nossos Ministros. Era uma para o Ministro das Obras Públicas, agradecendo o auxílio de 50 contos para as obras da primeira fase da Casa do Gaiato de Lisboa e a comunicar que as obras da segunda fase, seguem-se imediatamente. Outra era para o Ministro do Interior, a pedir um auxílio tirado do Socorro Social, para a instalação de cinquenta leitos e o mais. Nós não temos tempo de perder tempo. Os remédios para sustar a miséria, tem de ser tão vellozes como o mal que a produz.

Estava eu ocupado com êste trabalho, conforme ia dizendo, quando entra pela porta dentro, sem me pedir licença, uma invasão! A' frente, o Melgaço. Este é servente de pedreiro. Deixou a ocupação. Os outros fizeram na mesma. O assunto não era pra menos. Gatos. Dois gatinhos, de uma ninhada dêles que aparecera no palheiro, por cima da corte dos bois amarelos. *Stão lá mais.* Era o Melgaço. O adorabilíssimo Amândio de Melgaço. Só por êle. Só para o salvar, valia a pena levantar a aldeia, com todos os trabalhos e penas que uma obra desta natureza arranca necessariamente ao coração dos homens. A invasão não quiz sair de ao pé de mim, sem primeiramente dar tôdas as explicações quanto à origem dos gatos, e até aqui nada de novo. O pior, foi quando se entrou no capítulo *posse*. De quem eram aquêles dois gatos? De quem, os quatro que ficaram no ninho? Ora aqui é que foi. Nada se resolveu, pela confusão. Não sei o que se passou entre êles. A' hora do jantar, notei grande barulho na mesa do Melgaço, e o chefe da dita, de pé, mal encarado, a gritar: *olha que lenas más é com ele na cara!* O Melgaço tirara um gato do seio e colocou-o sobre a mesa. *E' migalhas,* explica o Melgaço. *Deixa-o comer.* Melgaço, gato, cão e rato, tudo do mesmo prato,—só a nossa *desordem!*

**C**OMO o dia de S. João fôsse de férias, os 22 dos nossos que trabalham no Pôrto, vieram passá-lo à Casa-Mãe. Deram cá todos de véspera. A' maneira que iam saindo dos seus empregos, dirigiam-se à bilheteira de S. Bento, por bilhetes. O primeiro a chegar, foi o Júlio. O Chefe. Como não tem emprêgo, arrumou as coisas do Lar e veio no das 14,40, do Pôrto. Trouxe um milheiro de bichas de rabiar pró S. João dêles. Eles fizeram o S. João no nosso campo de jogos. A festa dos de cá é o S. Pedro. E' coisa mais séria e mais importante. Mas prossigamos com a visita dos do Pôrto. O refeiteiro chefe, arranjou mesa de propósito para êles. Os cozinheiros, acrescentaram. O que êles querem é leite. Do leite é que êles gostam. Leite e borã com manteiga. Pois isso lhes foi servido. Eu acho delicioso, observar o interesse que os rapazes do Pôrto tomam pelas vindas a Paços de Sousa. Eles deliraram. Cada um tem o seu livro de controle. Já sabem o que perdem, se o sujiam! Alguns não podem vir por êstes tempos mais chegados. O Zé Eduardo e António Teles, estão neste caso. Não podem vir... Quanto isso me custa!

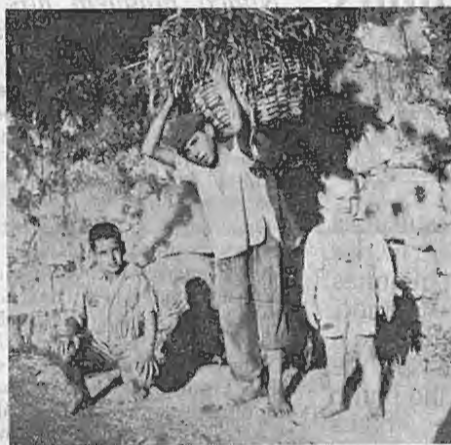
# Isto é a Casa do Gaiato

**A'** chegada dos do Pôrto, ontem, tive de segurar os ímpetos do Rio Tinto, o qual fazia menção de ir aos queixos do Amândio, por êste lhe ter chamado parôlo, como aqui se disse, ao tempo. Acabou tudo bem, felizmente. O Amândio está salvo. Agora por Amândio, e ainda à cêrca da nossa festa no Coliseu, êste não deixava de me recomendar: *olhe que deve vir tudo muito bem ensaiado, não ande a gente a vender aqui bilhetes ós senhores e às senhoras e depois sai tudo mal e é uma vergonha.* Não saiu mal não senhor. Não ficámos envergonhados.

**A**O chegar ontem de fóra, foi aqui o fim do mundo! E' costume virem ao meu encontro, sim, mas com aquela fúria, não. Todos ardiam, de contentes. Mostravam distintivos, santinhos, fotografias: *olhe retratos dos nossos bois!* As informações cruzavam os ares: *Também deu ó Figados, ó Daniel da erva, ó Prêta alfaiate, a êste, aquêlê. Deu uns sapatos novos ó Zé da lenha, por êle não ter tornado a comer o comer dos doentes. Andaram, a tirar o retrato ós nossos bois!* Era o delírio. Eu já tinha desconfiado, mas logo cheguei à certeza, quando ouvi dizer a um dêles que tinha estado na aldeia a *senhora do Amândio.* Era noitinha. Fui cear e recolhi-me. No dia seguinte, entro no escritório e noto ali uma grande desordem. Não é costume. Quem teria sido? Não me lembrei que ontem tinham estado os do Pôrto... Foram êles, à cata de livros para ler. Enquanto arrumo as coisas, dou com dois envelopes sôbre uns livros e êstes sôbre uma mesa. Eram os envelopes do costume. Um de tamanho vulgar, com a letra de homem e dentro 500\$ 0. Outro mais pequenino, sem enderêço, com 320\$ em notas discretamente perfumadas. E' sempre assim. Tem sido sempre assim. Dois envelopes separados, cada um com sua quantia. Dir-se-ia que se trata de um casal com separação de bens, mas não pode ser. Quem vive em tamanha comunhão espiritual, tem necessariamente de andar sempre e em tudo por um mesmo caminho. O que une as almas é a alma. O Daniel dos bois, à hora do jantar, veio comunicar-me que o senhor tinha subido ao nosso escritório: *se calhar foi deixar dinheiro prá gente.* Não se enganara o Daniel dos bois—o antigo larápio de Paços de Brandão. O que se apresentou no Coliseu de calças amarradas com um atilho. Eu nem sequer dei fé, de afeito que ando a vê-los assim. Mas o Porto delirou. Dizem que foi um dos melhores números! Oh *toilettes* requintadas, que cansais a vista da gente! Eu amo tudo quanto é simples. Pois não se enganou, não senhor. Disse bem o Daniel. O senhor deixara dinheirinho à gente:—820\$. Segue-se que vamos construir esta e mais aldeias com aquele dinheiro? De maneira nenhuma. As massas plúvias que desaguam, não são na foz o mesmo que na nascente. Ali um nadinha. Aqui um mar a entrar no mar. São os riachos, são os ribeiros, são as levadas—gôtas que se desprendem. Sim. Nós temos feito muito e vamos fazer mais com gotas que se desprendem... do coração! Os congelados não se desprendem,—porque gelados. Não há gôtas. Não há sangue. Não há vida. A morte! Esteve aqui na aldeia um carro famoso, com *chauffeur* de libré. Um carro! Os senhores viram, gostaram muito e desandaram. Felizmente para a humanidade êstes são a minoria.



**O**s nossos bois. Os nossos bois amarelos, que se foram comprar ós Cervalhos por dezassete contos e que não ha melhor nestes sítios. Nunca se viu tal! Os tratadores não lhes faltam com nada. O Daniel está no meio dêles. Visitante que êle apanhe a geito, é certo que o leva até às cortes do gado: *venha ver os nossos bois.* Se alguém lhes tira o retrato, fica impaciente, até que o retrato chegue.



**O** Daniel não descansa na sua faina. E' um apaixonado. Todo o dia anda vergado sôbre si mesmo, e quando se levanta, é para conduzir cêstas de erva ceifada, prós bois. Os meus bois! Ele fala-lhes: *anda amarelo.* E os bois entendem! *O batata velha* também ficou no retrato!

**I**STO que vou dizer não é a Casa do Gaiato, mas diz bem neste lugar. Ontem, na estrada eu ia no *Morris* e parei, para entrar uma velhinha. *Tenho os pés sujos,* disse ela. Tem mais de 70 anos e foi a primeira vez que entrou num automóvel. Tenho feito isto muitas vezes. Aqui há um rôr d'anos, ia eu estrada fóra, em lugar deserto, por terras de Espanha. Ao longe surge um carro. *Vai-me levar,* disse. Não. Continuei sôzinho, triste, cansado. Era em Espanha.

Mal diria eu naquêlê tempo que havia de possuir um carro. Hoje, por amor do senhor que me não quiz levar e da grande tristeza que por isso experimentei; hoje, digo, paro muitas vezes nas estradas de Portugal. Quem me confia riquezas, torna-se participante delas. Dizem-me ser muito rico o Senhor que me ofereceu o carro. Acredito que o seja. Se antes o era, agora muito mais!



**O** nosso rebanho. O senhor que tirou o retrato ós bois, também o fez ó rebanho. Está pastor e o seu ajudante. O pastor foi aclamadíssimo no Coliseu, por assobiar ali tal qual assobiamos montes às ovelhas. Quantos artistas; quantas vocações perdidas por êsses montes e caminhos! Vale bem a pena esgravatar!



**E**IS aqui a *senhora do Amândio.* A esposa de quem tira os retratos. Aquela por quem a malta suspira. Tenho pena de haver sido um bocadinho indiscreto, sim, mas olhe, minha senhora conforme-se. Eu cá às vezes também venho em retratos e êstes nos jornais. Conforme-se que eu faço na mesma; ou não tivesse vindo. Vai ser a chapa, objecto de vinte mil olhares!

O pequeno que está imediatamente encostado à senhora, é um dos que foi ó micro do Coliseu dizer que não sabe de que terra é! Quantos não temos cá nós da mesma sorte! O que e stá de cócoras é um que nos disse aqui, na noite em que chegou, *que a sua mãe morrera numa corda por causa dum homem que a enganou.* Cada um cada história!

Depois destas duas pequeninas revelações, muitas e muitas senhoras de Portugal hão-de ter uma pintinha de emulação da *senhora do Amândio.* Nunca tamanhas como quando amamos devotadamente os pequeninos.

**O** Sapo não cabe em si de contente. Achou hoje um ninheiro de ovos de galinha num campo de batatas. Já tem quatro, veio êle aqui berrar.

## NOTICIA

O rendimento da Casa no Coliseu foi de 27 contos. Tanto entrou na bilheteira, quanto na Casa do Gaiato. Rocha Brito e seus colaboradores deram-se por pagos e fizeram tôdas as despesas sem bulir num vintém! Que o Porto lhes agradeça! Vinte e sete contos. Isto no que toca a valores contados. Quanto aquêles valores que não se contam nem medem, isso é da conta de cada um.

E o que tem graça, é que tendo sido a festa *Uma* nem todos receberam dela por igual. *Sai o semeador a semear* e que é que lhe acontece? A semente é *uma*, mas os terrenos não, daí a desigualdade. Adeus Pôrto, até ó ano que vem. Não levaremos, então, festa melhor; nós demos agora o melhor que tínhamos. Será diferente. Variedade. A expressão do poder está na variedade.